

Ante este panorama, característico de nuestra sociedad, la *sociedad digital*, la *sociedad tecnológica*, la *sociedad de la comunicación*, las repercusiones educativas de todo ello, qué duda cabe, son innegables. Y deben ser examinadas enteramente en la educación. Pues hoy en día las TIC no son únicamente herramientas con teórico atractivo para su empleo en los procesos de enseñanza-aprendizaje. Son, nada más y nada menos, que la esencia de nuestra sociedad, la esencia del mundo del siglo XXI. Los pilares y las puertas desde los que contemplamos el alba de una nueva era histórica cuyo desarrollo y formas lejos estamos aún de entrever. Será necesario conocerlas con profundidad si realmente queremos conocer nuestro mundo. Y esto sólo se puede conseguir educando.

José Gómez Galán

Universidad de Extremadura (España)

1. As mídias sociais na educação: borrando as fronteiras entre a cultura escolar e a cibercultura



Mônica Fogaça e Marcelo Giordan
Universidade de São Paulo

1. Introdução

Na sociedade contemporânea, caracterizada pela globalização econômica, cultural e política há novos valores em relação às várias instituições sociais, como trabalho, família, ciência, corpo, religião e no enfrentamento da relação com os outros. Diversos novos tipos de trabalho foram criados, sem tempo para a formação adequada para eles e, de modo paralelo, intensifica-se o desemprego; as famílias passaram a ter diversos tipos de composição numérica e de sexualidades; a ciência perdeu seu *status* de autoridade suprema da racionalidade humana; a noção de corpo humano vem se modificando a partir das possibilidades de alterações constantes por meio de implantes, de cirurgias estéticas e de outros artefatos tanto para adequar-se aos padrões hegemônicos mutantes como aos discursos acerca da saúde e da promessa de ampliação do tempo de vida; de novas seitas, ritos e sensibilidades divulgados pelas mídias (HALL, 1997).

As referências não estão fixas e geram insegurança em relação ao que tomar como valor para a constituição da identidade das pessoas e das instituições, o que afeta a todas as pessoas e, em especial, aos jovens. Essas relações são particularmente problemáticas para a educação e para a educação científica. Fourez (2003) afirma

que os jovens consideram o ensino de ciências muito distante de sua realidade, sem sentido para ajudá-los a compreenderem a si mesmos e aos diferentes desafios que estão postos no mundo em que vivem. Esse distanciamento é confirmado por Santomé (1998), para quem a abstração excessiva e centrada na validação de uma única cultura presente na escola, nega os conhecimentos, valores e linguagens da maioria das culturas presentes na escola, como as culturas juvenis, infantis, étnicas, caiçaras, quilombolas, indígenas, rurais etc.

Para Machado (1993), as linguagens são mais do que formas de comunicar ideias acerca do mundo, elas são instrumentos com os quais se constrói esse mundo. Diante disso, entendemos que seja fundamental buscar formas de linguagem que permitam aos professores entrar em contato com o mundo dos jovens e construir um mundo comum com eles na escola e no ensino de ciências por meio da hibridização dessas linguagens e culturas. Nessa direção, apresentamos uma narrativa que descreve e interperta os modos pelos quais as mídias sociais entraram em uma escola e como esse processo propiciou o diálogo, o envolvimento com o curso, a aprendizagem e influenciou a formação das identidades juvenis.

Cena 1

Em busca das culturas e linguagens dos jovens urbanos

Essa pesquisa insere-se na concepção de que a juventude é produzida discursivamente a partir de influências dos discursos políticos, acadêmicos, econômicos e sociais de um determinado contexto (MACHADO, 1993). Nesse sentido, não existe a categoria juventude, mas

diferentes juventudes em função desses diversos fatores que influenciam tanto as práticas juvenis, como o que se diz dessas práticas.

Grande parte dos estudantes é participante das culturas juvenis urbanas. De acordo com Martin-Barbero (2002), essas culturas não têm paralelo com nenhuma outra do planeta. Apoiando-se na antropóloga Margareth Mead, esse autor descreve-as como pré-figurativas, isto é, caracterizam-se pela ruptura com as demais gerações e sua mudança fundamental está na própria natureza do processo de mudança. Eles não se baseiam nos padrões dos pais e elaboram mudanças como fizeram as gerações anteriores.

Green e Bigum (1995) argumentam que, das forças contrastantes que constituem social e discursivamente os jovens estão: a escolarização, os meios de comunicação de massa, alguns tipos de música e a cultura da droga. Mais ainda, para esses autores, a mídia eletrônica de massa é a instituição principal onde ocorrem os processos de subjetivação desses jovens.

Segundo Oliveira (2007), o crescimento da industrialização foi concomitante ao das mídias na segunda metade do século XX. De lá para cá, novas formas de ser jovem foram produzidas por alguns grupos e divulgadas de modo a serem reafirmadas pelas diferentes mídias como um modo universal para a maioria das sociedades ocidentais. Paradoxalmente, esse tipo de discurso não gerou apenas massificação, gerou também a situação atual de diversificação cada vez maior dos grupos juvenis por meio de seus estilos de corpos, gostos e comportamentos produzidos a partir da hibridização e transformação dos e com os fatores locais e os da cibercultura.

Em virtude de perceberem o mundo como algo muito diferente do que seus pais habitaram, eles buscam referências na comunidade mundial para criar mudanças constantes sobre si mesmos. A cibercultura (ou tecnocultura) com suas ferramentas das tecnologias digitais é um ambiente privilegiado de interação e, por isso, de formação das identidades juvenis.

A importância das tecnologias digitais nas culturas juvenis foi citada nos dossiês acerca dos comportamentos dos jovens, encomendados por uma emissora de TV a uma agência de pesquisa entre os anos de 1999 a 2010 (MTV Brasil, 1999; 2005; 2008, 2010)¹. Nesse período, a posse de um celular saltou de 19% para 74%; o acesso regular à internet foi de 15% para 86%. Em 2005, jogar videogame era lazer de 64% dos jovens entre 15 e 17 anos. Além disso, os jovens entrevistados citaram grande diversidade de tecnologias e de usos para os diversos aparelhos, tais como: câmeras digitais, videogames que se instalam junto ao corpo, tocadores de música digital, reality shows na TV. Na internet, utilizam com frequência *blogs* e *fotoblogs*. Mais de 80% dos jovens utilizavam o Orkut em 2008. O crescimento das mídias digitais ao

¹ A emissora MTV Brasil (1999; 2005; 2008; 2010) encomendou cinco dossiês acerca do perfil dos jovens para a empresa Wilma Rocca escritório de Pesquisa e Planejamento, que investigou 64 milhões de jovens entre 12 a 30 anos pertencentes às classes A, B e C de vários centros urbanos brasileiros. Todos os dossiês foram produzidos mediante uma fase inicial quantitativa, seguido de uma qualitativa construída por meio de entrevistas e grupos de discussão. Apesar das pesquisas de opinião terem certo poder influenciador na produção de identidades, consideramos que esse dossiê seja útil para nossa pesquisa, pois ele congrega uma amostra grande e muitas informações. Ele pode contribuir para a comparação com a interpretação de nossos dados. O segundo dos quatro dossiês não estava disponibilizado na rede eletrônica na época.

longo dos dossiês foi tão significativo que o último teve por foco a interpretação do significado desses usos pelas culturas juvenis.

As novas tecnologias permitem a comunicação por diferentes linguagens escolhidas em função das intenções do usuário (tipo de interlocutor e mensagem, tempo e dinheiro disponível). Nessa relação dos jovens com os aparelhos, estes disponibilizam várias formas de linguagem (imagens, sons, texto verbal escrito) e geram diversas formas de percepção (fragmentos, velocidade entre outros). Eles aprendem e se apresentam aos demais por meio da exploração desses elementos, eles produzem suas identidades assim.

Esse tipo de produção foi viabilizado a partir do advento da Web 2.0, um conjunto de aplicações online que permite a qualquer usuário produzir, divulgar, criticar e interferir na produção do conteúdo de outros usuários. Ao fazê-lo, todos os usuários produzem e transformam conhecimento. Essa mudança transforma a posição de leitor para a de um leitor-escritor. Embora essas funções já estivessem previstas na produção inicial da internet, isso foi possibilitado e estimulado pela maior velocidade da rede com a entrada do acesso por banda larga, pelas redes sem fio e pela criação de aplicativos com interfaces de fácil manuseio (LERMAN, 2007; DIAS, 2009).

A web 2.0 está constituída por um conjunto de ferramentas online: as mídias sociais. Elas são sites da *internet* que permitem criar uma rede de interação entre amigos e que os mantêm em contato mais permanente, estimulando uma avaliação de maior profundidade do conteúdo dos sites. Há um processamento social da informação tanto para sugestão dos conteúdos a serem escolhidos, como para avaliação e descarte.

As mídias sociais são constituídas de ferramentas primárias, como *blogs*, os wikis (aplicativos para colaboração na produção de textos), as redes sociais (Orkut, Facebook, Myspace, LinkedIn, Forsquare), e outras secundárias como os videocasts (os sites de compartilhamento de imagens – youtube e Flickr), podcasts (sites de compartilhamento de sons) e os RSS (“really simple syndication”- sistema que avisa as atualizações do site para os cadastrados). Além destes, encontramos em outras fontes menção também aos chats ou bate-papos online, aos grupos de discussão (fórum), videoconferências, compartilhamento de notícias (Digg, Reditt, Porpeller), os jogos online e os de inserção em realidade virtual –“Second Life” (DIAS, 2009; RUIZ, 2009).

Em síntese, as mídias sociais desempenham funções de comunicação e disposição da informação que ampliam a participação e a interação entre os sujeitos em grupos sociais caracterizados por interesses comuns, os quais podem vir a se constituir em comunidades, na medida em que compartilham valores, propósitos, regras de convivência, distribuição de tarefas para atingir determinadas metas. Dessa forma, defendemos uma prática escolar que reaproxime essas mídias dos jovens com o intuito de estabelecer ambientes virtuais de aprendizagem em um movimento de afirmação de suas identidades conjugado à transmissão cultural prevista nos currículos.

Cena 2

As fronteiras que dificultam o contato entre as linguagens da escola e da cibercultura

Nos Estudos Culturais, o termo cultura é compreendido como uma forma de luta pela validação dos signifi-

cados de cada grupo social. É um território contestado, no qual os significados de cada grupo social se expõem aos demais e entram em conflito com os dos outros grupos. O contato entre grupos é percebido como uma “guerra contra o diferente” com a intenção de preservar a própria existência simbólica e de conquistar o território de significados do *Outro*.

A cultura escolar organiza-se sobre um conjunto de normas que regem quais conhecimentos, valores e atitudes devem ser ensinados e quais práticas devem ser efetuadas para garantir as aprendizagens previstas. Ela está imbuída de metas de transformação das linguagens, valores e saberes da comunidade com vistas às expectativas de formação das novas gerações de cidadãos e de trabalhadores.

A cultura escolar desautoriza a cultura do aluno. Sacristán (2005) descreve a concepção de aluno do senso comum como aquele que é menor em vários campos como: capacidade intelectual, conhecimento técnico e científico, maturidade etc. Ele é o desautorizado. O jovem tem um papel muito diferente na cibercultura.

A cultura escolar e a cibercultura são muito diferentes, pois estão assentadas em ferramentas e concepções de mundo diferentes. Wertsch (1999) explica, com base em Leontiev, que o exercício do uso da ferramenta cultural leva a uma reorganização dos padrões neuronais formando um novo plano interno, que não é o plano mental com uma internalização no sentido de uma reprodução do objeto aprendido. Essa é a forma com que Wertsch concebe a transformação material no sujeito.

Em vários aspectos essas duas culturas estão muito distantes: na hierarquia entre as relações sociais, no acesso ao espaço da cidade, no tempo, nas modalida-

des de linguagem empregadas, no trato com as emoções etc. Na cibercultura, encontram-se pessoas de todo o mundo, provenientes de faixas etárias, etnias, sexualidades, gêneros, religiões, classes sociais e etnias diferentes. Lá camuflam essas diferenças pela montagem de outros corpos, tempos, contextos e linguagens. Lá evitam conflitos, preferem o envio de mensagens em que têm tempo para pensar antes de responder, ou onde só enviam, sem ter que ouvir resposta alguma. Lá produzem boatos de dimensões e efeitos multiplicados... Lá os jovens disputam e afirmam seus significados.

De acordo com Green e Bigum (1995), no ambiente da tecnocultura, as culturas juvenis vivem a desnaturalização da experiência. Para esses autores, embora todos os humanos acessem a realidade por meio de interpretações de dados, construídas culturalmente e muito teorizem a esse respeito, os jovens vivem essa condição plenamente na cibercultura. Na rede eletrônica, eles vivem num mundo em que o princípio básico é a representação. Na tecnocultura, os estudantes ou objetos de seu interesse são representados por algo que toma o seu lugar e que é produzido pelas linguagens das tecnologias. São exemplos: os filmes, textos, pinturas ou fotografias que escolhem para se apresentar em seus perfis no Orkut, ou Facebook, ou em outras redes sociais.

De acordo com os referenciais teóricos que estamos adotando, não há simulacro apenas no mundo virtual. A vida experimentada no mundo físico também é um simulacro, pois se não existe uma identidade fixa, única e essencial (*a priori*), a cada momento cada pessoa vive diferentes identidades.

Essa desnaturalização da experiência também é vivenciada no corpo humano de diversas outras formas.

No ambiente de simulacro da internet, o corpo é uma montagem simbólica e fora da rede ele é uma montagem literal de si mesmo. No terceiro dossiê (MTV Brasil, 2005), os dados exemplificam isso por meio do maior acesso à lipoaspiração, silicones, cirurgia plástica, regimes radicais, exercícios físicos constantes e às drogas associadas. Eles vivem como seres híbridos que integram em si mesmos os elementos que os caracterizam como seres humanos a uma série de artefatos tecnológicos. Essa integração entre a identidade humana e a tecnológica não ocorre apenas pelo acréscimo de próteses ao corpo, mas também pela possibilidade de transgredir as fronteiras que limitam suas ações e percepções por meio de algumas tecnologias digitais.

No entanto, o poder da desnaturalização do corpo pode ampliar poderes e também a insegurança em relação à própria imagem de subjetividade. Saraiva (2007) estudou alguns ambientes da internet e problematizou a noção difundida de que as relações humanas na internet são mais democráticas. Ela descreve o modo pelo qual os discursos, que ocorrem principalmente nas comunicações síncronas da internet (como chats e ICQ), fabricam corpos como forma de produzir uma narrativa a respeito de um "Eu" inventado, que possa estar em acordo com o que o sujeito se identifica. Essa identificação geralmente ocorre com a identidade hegemônica. Além disso, os nicknames criados para se apresentarem repetem as mesmas marcas e as mesmas relações de poder entre os gêneros, faixas etárias e sexualidades do mundo físico.

Talvez o encantamento com as tecnologias digitais traga ao jovem uma fantasia de visitar o mundo com proteção física e simbólica para comunicar-se. É uma ilusão perigosa, dado que existem diversos casos divul-

gados de violência contra crianças e jovens, deflagrados a partir da rede de computadores. É preciso aprender a viver no mundo virtual também.

Outro fator de constituição de suas identidades praticado na tecnocultura se refere à vivência das altas velocidades, muito maiores do que a das ações e percepções humanas, o que amplia os poderes da comunicação. A alta velocidade de circulação de textos permite a troca de informações em tempo menor que o piscar dos olhos. Essa característica, somada ao acesso à grande diversidade de contextos simultâneos, intensifica o fenômeno de picnolepsia. Como os sujeitos estão constantemente deslizando pelos contextos diversos da tecnocultura, sempre perdem algo de cada um dos locais visitados e recompõem as perdas pela invenção dos trechos perdidos. Com isso, eles estão em todos os locais e em parte alguma. Deslizam pelo mundo imaginado, feito das várias partes perdidas das histórias. Essa é uma forma de desnaturalização do tempo, o que significa viver "*num mundo de momentos presentes e desconectados, momentos que se chocam, mas que nunca formam uma progressão contínua e muito menos lógica*" (GREEN E BIGUM, 1995, p. 216). Eles têm muitas informações, obtidas em diferentes fontes. São fragmentos, "pedaços de realidade", que lhes bastam como conhecimento. A não ser que sejam adequadamente mobilizados a ir além.

Essa velocidade e fragmentação podem ser observadas no tipo de relação que mantêm com os espaços. Atuam na movimentação pela cidade, em agrupamentos rápidos e nômades, em pontos de encontro temporários. Aprenderam a se mover rapidamente como é a velocidade de transformação da cidade e da migração pela *internet*. Seus agrupamentos pela cidade não se fazem

por território de origem, mas pela idade, códigos estéticos, preferências sexuais, estilos de vida e pelo tipo de exclusão social. Cada uma das culturas juvenis, durante o tempo curto em que está constituída, tem aparência (vestimenta, cabelos, maquiagem, ornamentos), preferências (música, leituras, filmes, quadrinhos, práticas corporais) e comportamentos relativamente comuns. Dado certos fatores de afinidade, as semelhanças entre os grupos de jovens podem ultrapassar até as fronteiras de nacionalidade.

Enfim, aprenderam a viver como anônimos na multidão das cidades e se adaptaram, criando novos modos de comunicação. Para eles, é menos importante o encontro presencial entre os corpos do que a interconexão, os fluxos, o tráfego intenso, as redes. Assim, muitas vezes não saem de casa para ir à cidade, mas conectam-se com ela, de casa, através dos aparelhos eletrônicos.

Estamos diante do território contestado entre as culturas juvenis e a da escola. O diálogo com as outras culturas é uma prática a ser aprendida e de fundamental valor para a promoção da paz na contemporaneidade. Como o diálogo é algo a ser aprendido, a escola tem papel importante nisso. É importante inserir as culturas dos jovens na escola, mas como podemos promover o encontro entre esses grupos sociais tão diferentes, que lutam por seus significados e que impõem barreiras firmes para impedir o contato com os demais grupos? Sabemos que as mídias sociais são um meio importante para fazê-lo, no entanto, é preciso considerar a forma como elas são empregadas para que elas oportunizem o borramento da fronteira entre as culturas. Acreditamos que seja necessário organizar práticas escolares mediadas por seus usos e negociadas a partir dos propósitos

disputados entre alunos e professores em relação aos motivos que os levam a produzir coletivamente por meio dessas ferramentas.

Cena 3

Iniciando o borramento da fronteira

Como as culturas são constituídas em práticas de significado, elas se constituem como formas de luta por seus significados. Estes significados estão inseridos em sistema de signos, que nomeiam as "coisas" para lhes dar sentido por meio de um sistema de classificações. As classificações,, por sua vez, constroem as fronteiras simbólicas. Estas fronteiras indicam o que é e o que não é pertencente a esta cultura, apagando as inconsistências e conflitos presentes no sistema de classificação (HALL, 1997). Assim, o foco da desconstrução das fronteiras está nos códigos, nos signos e no modo como lhes são atribuídos os significados.

A maioria das culturas, em seu estado atual, resulta de híbridos de diferentes culturas do passado. O híbrido não é uma síntese das culturas, ele é uma forma de integração entre elas, onde não há fusão total e anulação de suas partes. Ambas estão ali vivendo a ambivalência e a fronteira. Mas é uma fronteira que está "borrada" e que permite o trânsito entre elas. A tensão fica presente e pode haver ressurgimento dos conflitos, ou domínio de uma sobre as outras a qualquer momento. (BHABHA, 1998). O híbrido é um entrelugar, em que não se distingue cada uma das culturas participantes, pois ela já constitui um terceiro, mas ainda é possível identificar algumas marcas das culturas primeiras. Essa concepção tem semelhanças com o conceito de polifonia de vozes

de Bakhtin (apud GIORDAN, 2008), para quem as vozes são consciências falantes de outros, ou significados diferentes, que habitam o autor de um determinado texto. Elas convivem, sem que haja síntese, fusão, ou resolução final entre elas.

Na busca pela construção do híbrido, iniciamos o contato entre a cultura escolar e a cibercultura por meio da criação de uma dinâmica. Essa dinâmica de grupo, denominada de "Orkut Concreto", foi aplicada aos estudantes de cinco turmas, totalizando 159 jovens do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola particular da cidade de São Paulo.

A dinâmica foi feita em duas aulas do período regular para cada turma, com grupos em torno de 33 a 36 alunos. Ela constou das seguintes etapas:

- (1) foi pedido aos alunos que trouxessem uma fotografia de casa para representar quem eles são durante a apresentação de início de ano aos colegas de classe;
- (2) no dia, cada um redigiu seu "perfil" em uma folha de papel por meio da citação e descrição das características escolhidas sem critério orientado;
- (3) cada estudante colocou seu perfil com a fotografia em um dos sacos plásticos, dispostos nas paredes da sala, como se fosse o perfil de apresentação da página virtual do Orkut;
- (4) em seguida, todos passearam pela sala e visitaram o perfil dos colegas, escrevendo comentários conforme algumas regras: a- escrever para pelo menos dois colegas; b- escrever apenas em perfis que tivessem

no máximo dois comentários já registrados; c- registrar as características comuns entre o visitante e o autor do perfil.

Na sequência, cada aluno recolheu seu perfil e fotografia para ler os comentários deixados pelos colegas. Houve discussão dos resultados percebidos e solicitamos a produção de um texto com o tema "De onde vem o que eu sou hoje?".

Trata-se de uma dinâmica que possibilita aos sujeitos agirem com ferramentas das duas culturas. Embora a estrutura traga alguns códigos da rede social do "Orkut", como a produção do perfil, o uso da fotografia, a navegação pela página dos outros, a escrita e leitura de mensagens, o propósito de socialização e de afirmação de sua identidade perante os outros e a si mesmo, ela também contém várias características da cultura escolar. Ela é presencial, escrita em suporte de papel com caneta ou lápis, utiliza fotografias impressas, há uma professora que cria e direciona as ações dos estudantes, os alunos conversam diretamente entre si durante a atividade, há um momento de reflexão e de produção de texto, ela tem tempo limitado ao horário da aula com marcação clara de início, meio e fim.

Como toda ação mediada tem vários propósitos (WERTSCH, 1999), além dos citados, para cada participante existem diversos que estão ocultos. A professora, por exemplo, teve entre seus propósitos fazer o levantamento das práticas dos jovens em seu cotidiano extraescolar, gerar entrosamento entre os alunos e com o curso e iniciar a proposta de aproximação do curso com a cibercultura.

Entre as marcas da cibercultura, encontramos: a linguagem da *internet* foi comumente utilizada nos perfis e

mensagens; muitos perfis usaram tópicos semelhantes aos da rede social; a maioria dos alunos teve prazer com a atividade e não perceberam, a princípio, a relação com o curso, pois pensaram que era apenas uma atividade de entrosamento de início de ano. Entre as marcas da cultura escolar, temos: a preocupação com a validação de uma escrita não escolar; a retomada constante e o cumprimento das regras da dinâmica; a organização dos dados discutidos na produção de texto final.

Separámos os dados coletados a partir do perfil dos jovens em duas listas: os que foram citados pelo autor (frequência individual) e os que foram apontados pelo visitante como motivo de identificação com o autor (frequência de identificação). Os dados foram utilizados para interpretar quais eram as principais práticas culturais dos jovens da escola e para criar os temas culturais do curso de ciências. Não caracterizamos os jovens, mas fizemos uma provável fotografia de como "estão" nesse momento em função de uma determinada configuração de significados.

TABELA 1: Características das culturas juvenis da comunidade investigada, identificadas na dinâmica "Orkut Concreto".

Características dos jovens do 9º ano da escola investigada	Freq. de identif.*	% identif.**	Freq. indiv.***	% indiv.****
Práticas corporais	119	27	346	32
Uso de aparelhos de telecomunicações	98	22	182	17
Passeios	92	21	168	15
Músicas e instrumentos	36	8	194	17
Estética	0	0	20	2

Características dos jovens do 9º ano da escola investigada	Freq. de identif.*	% identif.**	Freq. indiv.***	% indiv.****
Outras práticas variadas	100	22	171	16
Total	445	100	1081	100

- * Características citadas pelo autor do perfil ou redação como modo de identificação com o colega
- ** A porcentagem de identificação foi calculada pela comparação entre o número de citações da característica, como forma de identificação entre pares, com o total de tipos de identificações citadas nos perfis.
- *** Características citadas pelo autor do perfil ou redação sobre si mesmo
- **** A porcentagem individual foi calculada apenas pela comparação entre a frequência com que cada prática foi citada nos perfis com o total de práticas citadas em todos os perfis.

Diante dos resultados, o curso se desenvolveu por meio de três temas culturais², denominados de "Eu me remexo muito", "Peleshop: ctrl-c, ctrl-v" e "Se liga, brow". O primeiro aborda a participação da biomecânica nas práticas corporais (danças, lutas, esportes, brincadeiras, expressão corporal, ginástica), o segun-

² Os temas culturais foram propostos por Corazza (1997) como um desdobramento dos temas geradores de Paulo Freire. Eles ultrapassam os limites da cultura popular para contemplar outras culturas. Enquanto o trabalho com os temas geradores tem por intenção emancipar os alunos oprimidos por meio da libertação de sua condição de alienação, os temas culturais fundam-se na concepção de que o intelectual é alguém que caminha junto com os "estudantes", auxiliando na desconstrução e construção de novas perspectivas. São práticas de "autoprodução", onde todos, professores e estudantes, dão novos sentidos as suas próprias vidas, conforme produzem novos textos acerca do fenômeno em estudo.

do aborda as práticas culturais de estética da segunda pele³ entre os jovens e em algumas culturas étnicas. Nesse tema foi analisada a relação de alguns marcadores de identidade com os conhecimentos da química dos metais e as relações destes com a saúde humana e os impactos ambientais. O terceiro tema é um desdobramento do segundo tema, onde os alunos investigaram a criação e funcionamento de alguns aparelhos de telecomunicações e de seus conteúdos (mídias), analisando a sua relação com o consumismo, os impactos ambientais e com o sistema econômico durante a 1ª e 2ª revoluções industriais. Os títulos dos temas foram sugeridos pelos estudantes.

O trabalho por meio de temas que guardassem proximidade com as práticas dos jovens e inserissem a participação das ciências nessa prática foi o segundo híbrido produzido. Tanto a cultura escolar como a cibercultura tem sua história e nesta, suas práticas tem se modificado e sofrido influências externas de graus variados. Nessa atividade, a intenção foi de estimular a "contaminação" recíproca entre elas e observar que tipo de entrelugares começaria a se estabelecer. Nos portfólios individuais, vários alunos destacaram o prazer que sentiram com a atividade e as produções de texto foram bastante reflexivas, trazendo indícios da personalidade dos alunos e da compreensão do conceito de identidade, identifica

³ O tema de estética da segunda pele se refere a qualquer tipo de adorno ou pintura ou transformação que os seres humanos aplicam a sua pele. São exemplos: bijuterias, vestuário, piercing, tatuagem, cirurgia plástica...

ção e “diferença”⁴, que são fundamentais para pensar o diálogo com pessoas de outras culturas. Os resultados ressaltam a importância da construção social dos significados e sentidos dos signos e a importância que estes têm para a construção da cultura do grupo. Começamos a construção da cultura híbrida. Mas será que isso é o suficiente para garantir a manutenção do híbrido entre essas culturas?

Cena 4

A necessidade da negociação constante

Mais adiante, entre as atividades empregadas para a condução dos temas, houve a produção do terceiro híbrido por meio da produção de *blogs*. Dentre os vários ambientes das mídias sociais, encontramos características que atendiam às necessidades das culturas juvenis e as da cultura escolar nos *blogs*. Ele disponibiliza, por exemplo, múltiplas linguagens e, ao mesmo tempo, estimula a produção de textos mais longos.

Descrevemos aqui o processo de construção que levou à produção da primeira postagem devido à importância de alguns cuidados que foram necessários. Seleccionamos dois dos 66 *blogs* produzidos pelos estudantes por meio de análise quantitativa (FOGAÇA, 2011) para permitir uma análise com maior profundidade.

⁴ A diferença é um termo que se refere ao modo de discursar sobre determinadas pessoas e grupos sociais. Ela é política, produzida por meio de representações e processos discursivos, imersos em relações de poder, que marcam a diferença como o que é desigual. Desigualdade implica valor, isto é, a diferença é menor ou pior do que a identidade dominante. Essa desigualdade não está dada nas características que diferenciam as várias identidades, mas é produzida pelas marcas do contexto externo (Fogaça, 2011)

A atividade de produção da primeira postagem para os *blogs* fez parte do tema “Eu me remexo muito” e foi proposta pela professora de tal modo que os estudantes organizassem seus textos segundo as normas de um texto dissertativo a medida que descobrissem os meios pelos quais as ciências participassem de alguma prática corporal escolhida pelo grupo.

O texto dissertativo faz parte da cultura escolar e tem regras específicas que exigem que ele seja escrito em linguagem formal e que uma tese seja apresentada em sua introdução. Não é essa a estrutura comum de uma postagem de *blog*. Essa é, portanto, uma das características da ferramenta que usaram para preparar o *blog* e que carrega as características da cultura escolar.

Antes da primeira publicação de postagens, os primeiros esboços de texto, produzidos pela maioria dos grupos das seis classes investigadas, estavam em acordo com as normas dos textos dissertativos⁵. Porém, a professora percebeu que, em geral, eram reproduções dos textos pesquisados na internet e não contavam com nenhum indício de qualquer tipo de reflexão ou outra forma de autoria por parte dos estudantes. A partir do questionamento da professora acerca das “cópias” feitas por eles, vários estudantes destacaram que, para obter boas notas na escola, era preciso escrever com linguagem formal, mas que eles não conseguiam escrever aquele tipo de texto de modo satisfatório para os professores e que, portanto, era mais fácil fazer “algumas” có-

⁵ A primeira postagem publicada é decorrente do esforço de negociação entre a professora e os estudantes. Cada grupo produziu outros textos anteriores a essa postagem tanto em portador de papel, feitas na sala de aula, como no *blogger*. Era comum salvarem o texto na forma de rascunho e fazerem edições posteriores sobre o mesmo texto.

pias. Pensavam, inclusive, que copiar pequenos trechos de duas ou três fontes não era uma cópia de fato.

Experimentamos deixar essa primeira interpretação explícita de lado e buscar outras mais implícitas e alternativas para a mesma situação. A tarefa proposta pela professora aos estudantes necessitava do uso, por parte dos estudantes, de duas ferramentas culturais bastante distintas. A primeira, o blog, para muitos deles, era uma ferramenta com que tinham habilidades e conhecimentos suficientes para lidar. Tanto porque alguns já haviam lido ou escrito *blogs*, como porque a maioria estava habituada a usar outros recursos das mídias sociais no seu cotidiano fora da escola, como a rede social Orkut. A segunda ferramenta, o texto dissertativo, era uma ferramenta que muitos não tinham as habilidades mínimas necessárias (conforme relataram no parágrafo acima), embora já tivessem entrado em contato para produção nas aulas de língua portuguesa e para leitura nas aulas de história, geografia, ciências (e talvez outras). Esse tipo de estrutura de texto não faz parte das leituras espontâneas da maioria dos alunos.

De acordo com uma das propriedades da ação mediada (WERTSCH, 1999), pode-se analisar a ação dos estudantes nos *blogs*, segundo o modo como os agentes se apropriam das ferramentas culturais, isto é, como tornaram seu uso de modo particular e próprio, visto que as ferramentas são produzidas e organizadas para serem usadas segundo as intenções e modos de ação de outros. Os textos escolares são ferramentas que os estudantes entram em contato e precisam dominar e apropriar-se. Assim, o texto dissertativo representa, a princípio, uma fronteira entre o agente e o outro que a produziu. Tanto o texto dissertativo ofere-

ce resistências ao seu uso fluente por parte dos estudantes, como eles também resistem à apropriação de suas regras. Dada a familiaridade que os estudantes têm com os *blogs* (ou outros recursos da rede eletrônica) em seu cotidiano, eles não percebem que lá também houve essa resistência mútua no período inicial de aprendizagem.

Além disso, o texto dissertativo é um intruso nos *blogs*. A prática pedagógica da professora foi organizada de modo a apropriar-se de uma ferramenta dos estudantes, transformando o seu uso e expropriando-a. Isto é, retirou-a da propriedade ou posse dos estudantes e tornou-a própria ao transformar suas regras de uso com vista a um objetivo escolar. Entendemos que, por efeito dessa expropriação, os estudantes estabeleceram formas de resistência mais intensas do que as que teriam durante a aprendizagem de uso de qualquer ferramenta. Trata-se de uma resistência forjada na desautorização de suas culturas. Ao mesmo tempo em que a professora lhes disse que poderiam trazer seu gosto pessoal em relação às mídias sociais por meio do uso de *blogs* (e eles ficaram bastante empolgados com isso), restringiu o modo de uso, impondo as regras do texto dissertativo. De acordo com Hall (1981, p.257),

A escola e o sistema educacional são exemplos de instituições que distinguem a parte valorizada da cultura, a herança cultural, a história a ser transmitida, da parte "sem valor"...[...] O que importa então..(são) ...as relações de poder que constantemente pontuam e dividem o domínio da cultura em suas categorias preferenciais e residuais.

Este autor apóia-se nos estudos de Bakhtin (1929/2006) acerca das propriedades da linguagem no que diz respeito ao papel do signo como o elemento chave de todas as práticas sociais significativas, pois Bakhtin vincula o significado do signo às práticas e à disputa entre classes sociais. Para Hall (2003), há esse tipo de relação também entre os significados e as culturas. Assim, os signos estão vinculados às práticas culturais de diversos grupos sociais e participam da luta cultural. Essa luta cultural pode assumir diferentes formas, tais como: a incorporação, a distorção, a resistência, a negociação e a recuperação.

A incorporação do *blog* à cultura escolar, embora seja recebida pelos estudantes de modo positivo inicialmente, logo é percebida como uma distorção das regras habituais por meio da introdução do texto dissertativo e da avaliação. Surge, então, a resistência à transformação de suas culturas.

Essa resistência pode se manifestar na recusa à produção dos textos, ou na reprodução das fontes, sem qualquer envolvimento pessoal da parte dos estudantes. Em função desse comportamento, o que muitas vezes acontece é que eles são vistos como "incapazes de escrever bons textos".

Essa situação não é um caso isolado dessa escola e das aulas de ciências. Os alunos não sentem o espaço escolar como um espaço deles (MCLAREN, 1997). Eles sentem-se desautorizados em relação a sua linguagem e aos seus saberes e, como estratégia de sobrevivência, copiam a linguagem formal das fontes de pesquisa, pois sabem que esses são os textos autorizados por seus professores e pela cultura escolar de modo geral.

As representações⁶ de "jovem" que circulam nos discursos do cotidiano também contribuem para dificultar a aproximação entre os jovens e a escola. Ser jovem tem geralmente um significado vinculado à noção de que ele é um problema, ou está em uma fase de problemas e que, portanto, é importante controlar o seu comportamento. Nesse caso, a proposição da estrutura do texto dissertativo dentro da estrutura do *blog* é uma maneira de controlar o conteúdo e a forma do texto das postagens.

A resistência ao envolvimento com o texto pode ser uma forma de resposta à recusa da escola em ouvir suas necessidades, suas culturas e de cristalizá-los no discurso de "jovens problemáticos a serem controlados", rotulando seus modos de ser.

O estado de resistência, de algum modo, foi percebido pela professora e frustrou suas expectativas em relação aos seus propósitos para com a atividade. A partir disso, ela negociou novas regras para a produção dos textos junto com os estudantes que, de certo modo, retomaram o que já haviam feito na dinâmica do "Orkut Concreto" e que foram perdidas no caminho. Essas regras permitiam que os estudantes: (a) escrevessem com linguagem pessoal, de *internet*, gíria e outros recursos de seu interesse; (b) tratassem com liberdade os temas, desde que não produzissem discursos que ofendessem

⁶ O termo representação é polissêmico por ser um conceito central em diversas linhas da Psicologia social e filosofia.. Diante da concepção de cultura dos Estudos Culturais, a representação se refere aos textos verbais e às imagens que descrevem grupos sociais e suas características. Silva (1999) explica que a representação não é interna ou mental, como o é para outras linhas de pesquisa. Os Estudos Culturais concentram sua análise sobre o objeto material que constitui a representação: o significante. Ela é sempre a marca visível do signo.

a alguém; (c) que fossem de autoria própria e (d) que cuidassem dos erros ortográficos nas palavras que não estivessem abreviadas.

"Mas pode? Eu posso escrever do meu jeito? Com linguagem da internet? Com gíria? Posso conversar com ele (o leitor)?"(vozes de diversos estudantes de várias turmas, indicando sua surpresa com a negociação).

Muitos jovens utilizam algum aplicativo das mídias sociais. Elas empregam, por exemplo, os *blogs* e as redes sociais para conversar em tom pessoal com os interlocutores, tanto na forma de diários íntimos, como de *blogs* temáticos. No caso da escola investigada, a maioria dos estudantes usa a internet (o Orkut e o MSN eram usados por mais de 90 % deles em 2009). Lá cada jovem tem saberes, interage com pessoas de várias idades, produz conhecimento e trabalho. Lá tanto os saberes juvenis, quanto às múltiplas linguagens, por exemplo, são validados e usados em interações onde podem viver simulacros de identidades criadas para experimentações. Lá eles têm "superpoderes" e são reconhecidos por isso.

Cena 5

Textos híbridos sinalizam culturas híbridas

Após as negociações os textos ficaram bem diferentes. Ao observar as postagens dos dois grupos, entendemos que elas contêm textos organizados de acordo com um padrão bastante semelhante ao de um diálogo, como se fosse um "bate-papo" em que as autoras trocaram ideias acerca do tema com seus interlocutores. Interpretamos que o texto inicia-se com uma fase de "convite à

conversa", seguida de uma fase em que as autoras desenvolveram o conteúdo principal da conversa e termina com uma fase de despedidas.

Na fase "convite à conversa", as autoras usaram vários recursos para estabelecer contato com seus potenciais leitores. Elas criaram uma forma de acolher e chamar a atenção do leitor por meio de uma frase inicial interessante...

"BOA TARDE RESPEITÁVEL, PÚBLICOOOO! Senhoras e senhores, meninos e meninas, vamos apresentar, esta noite, a incrível história do circo!"

... ou por meio de uma pergunta direta ao interlocutor.

"Se te perguntarem, qual é a relação do ballet com a sociedade, a tecnologia e a ciências, sério se fosse eu, já responderia nada."

Elas manifestaram expectativas e identificações em relação a sua audiência...

"texto chato"; "sem pensa você vai responder nenhuma, portanto se você pensa bem tem sim"; apresentaram-se ("Somos alunas do 9ºano").

...fizeram saudações, usaram o humor e relataram seus sentimentos, antes mesmo de apresentar o tema e a tese que pretendiam abordar. Além dos recursos verbais, elas também utilizaram figuras, algumas delas engraçadas e em movimento, como pode ser visto em http://remexo9b7.blogspot.com/2009_03_13_archive.html.

Em seguida, na fase de "conteúdo central da conversa", as autoras mobilizaram recursos para promover o diálogo em torno das ideias que constituem a temática escolhida para seu *blog*. Esses recursos foram: a reprodução das informações encontradas nas fontes de pesquisa que utilizaram; a integração entre a linguagem formal, proveniente das fontes de pesquisa, com a linguagem informal, que estão habituadas a usar...

"sabemos o que você fez no verão passado"; "quando nos achamos que dois assuntos tão diferentes nos quais achamos que não tem nada a ver"

...a expressão de seus gostos pessoais:

"diversões surpreendentes, como o circo [...] nos espetáculos tem muita tecnologia, na iluminação, nos rádios nos palcos, em tudo pra temos um ótimo espetáculo"

... a alteração gráfica das palavras para expressar sensações e emoções, tais como: "PÚBLICOOOO!"; "Tá bom", "o circo é beeem antigo"; "bastaante"; "muahahaha"; "enooooorme MESMO"; "ops, "Haha"; "(:"; "sem pensa" (sem pensar); "pra") e o uso de adjetivos com maior frequência do que seria comum em textos informativos escolares ("incrível", "chato"; "surpreendentes"; "enorme"; "antigo").

Por fim, na fase de "despedida", as autoras organizaram o fim do texto de modo a construir a manutenção do vínculo com os leitores para que eles retornassem em postagens posteriores. Aqui elas usaram, mais uma vez, o recurso do humor, expressaram afeto e expectativas de retorno dos leitores e assinaram.

Comparamos os recursos empregados por estas estudantes com outras investigações acerca de aplicativos da internet. Barrera (2007) investigou a linguagem presente nos "chats", sites para bate-papo, e percebeu que a forma de escrita produzida nesse ambiente é distinta de outros suportes de escrita, denominando-a de *ciberlíngua*.

A pesquisadora caracterizou-a principalmente pelas abreviações e alterações das letras, o que considera uma adaptação dos usuários à grande velocidade em que se realizam as trocas entre as pessoas nos *chats*, como se fosse uma tentativa de garantir a fluidez do diálogo. A economia do tempo é feita por: abreviações; produção de palavras pequenas que comunicam o som de determinadas letras; elementos curtos de cortesia entre os interlocutores, ausência de pronomes e de outras palavras de ligação. Para Barrera, são tantas novidades no código que a *ciberlíngua* garante o reconhecimento entre os seus usuários e exclui os que não a dominam da participação nos debates.

Garbin (2003) também investigou as linguagens dos *chats* e afirma que os recursos de linguagem deste ambiente indicam que há necessidade de se manter certos códigos das relações reais no ambiente virtual. São códigos para manutenção da conversa próxima, descontraída, pessoal. Essa autora defende que a linguagem da internet é outra forma de linguagem, nem certa, nem errada, mas adaptada a sua função em um contexto rápido e que atende às necessidades de expressão afetiva.

Algumas das características da *ciberlíngua* citadas por essas pesquisadoras foram encontradas nos *blogs* investigados. Encontramos *emoticons*, algumas gírias, abreviações, onomatopéias e uso intenso da linguagem

peçoal sobre a impessoal. Esses estilos de linguagem representam alterações da forma culta da língua portuguesa para tornar a linguagem escrita mais próxima da oral.

Ferreira (2006) comparou *blogs* de adultos e jovens e indicou alguns recursos do texto que são essenciais para diferenciá-los. Entre as diferenças, ressalta que 33% das palavras contidas em *blogs* de jovens eram palavras modificadas, enquanto nos *blogs* de adultos esse número não chega a 1%. Essa pesquisadora alerta que, embora a maioria dos pesquisadores indique que esse tipo de escrita ocorra como uma adaptação à velocidade da internet, ele também é uma marca de expressão pessoal do autor.

Nessa direção, Ferreira verificou a importância da linguagem pessoal nos *blogs* de qualquer um dos grupos, pois a linguagem formal é pouco usada em ambos (entre 13 e 19% do total do texto). Porém, observou que o uso da linguagem pessoal é diferente nos dois grupos investigados. Nos *blogs* dos adultos, ela serve para expressar suas subjetividades⁷, enquanto nos *blogs* dos jovens ela manifesta fortemente a intenção de manter diálogo com um interlocutor. Um dos indicativos disso é a grande quantidade de marcadores conversacionais, como por exemplo: “*tipo*”, “*bom*”, “*acho que*” e a construção de frases que se remetem diretamente a um interlocutor.

Os textos dos dois grupos têm vários marcadores conversacionais, mas o número de palavras alteradas não é tão grande como os dos jovens citados no traba-

⁷ Para Larrosa (1995) a subjetividade se refere aos sentimentos e pensamentos que uma pessoa tem em relação a si mesma, a experiência de si mesmo.

lho de Ferreira, talvez porque estejam adequados aos limites da cultura escolar, ou simplesmente porque são sujeitos que compõem outras culturas juvenis.

O mesmo padrão com maior ou menor grau de detalhamento também foi observado no espaço dos comentários. Braga (2006) analisou um *blog* denominado “*Mothern*”, onde visitantes e autores discutem aspectos do cotidiano da maternidade. Em sua pesquisa, ele contribuiu com o reconhecimento de alguns elementos referentes às interações e indica a importância do elogio na seção dos comentários como grande estimulador do diálogo. É como se fosse uma regra de etiqueta para a participação eficiente e bem acolhida nos *blogs*. Observamos que em um dos grupos analisados, as autoras empenharam-se mais em construir um estilo de linguagem com a intenção de acolher os leitores e garantir maior vínculo de participação. Com isso, produziram maior número de recursos, tanto em diversidade, como em quantidade.

De todo modo, nos dois *blogs* analisados, a estrutura geral e o estilo de linguagem parecem ter um padrão relativamente estável, um padrão de organização que traz um estilo intermediário entre a oralidade e a escrita. Além dos *blogs* e *chats*, Baron (1998) descreveu esse mesmo tipo de estrutura geral de texto nos correios eletrônicos. Parece, então, que esse é o estilo de vários dos aplicativos da *internet*.

No entanto, não acreditamos que essa estrutura e estilo ocorram simplesmente como uma adaptação à velocidade da rede eletrônica, pois no caso dos *blogs* esse aspecto tem menor importância. O *blog* é uma ferramenta assíncrona e permite produção de textos mais longos e revisão antes da publicação, enquanto o chat é

síncrono, portanto de leitura e escrita mais rápida. Acreditamos que a estrutura e o estilo da linguagem dos *blogs* promovam relações de identificação entre o autor e as culturas juvenis em que transita, o que, por consequência, produz e expressa suas identidades. Assim, o uso de certas estruturas e estilos de linguagem tem por intenção entrar em contato na *blogosfera* com seus pares.

O uso de *blogs* na escola pode propiciar a aproximação da escola com as culturas juvenis. Além disso, os *blogs* também têm a vantagem do tempo mais lento, o que pode facilitar o trabalho reflexivo.

Diante disso, perguntamo-nos o que levou as estudantes a estabelecer essa organização do texto, transformando a proposta e levando-o de uma estrutura mais próxima da escrita a um estilo que busca a oralidade? Por que atuaram desse modo ao empregar os *blogs*?

Outra das propriedades da ação mediada (WERTSCH, 1999) é o fato de que elas podem ter múltiplos objetivos simultâneos, isto é, podem ter por intenção alcançar propósitos diferentes e até contraditórios entre si. Alguns desses objetivos são explícitos e outros mais tácitos. Queremos destacar que fizemos algumas inferências quanto aos propósitos que podem estar associados à ação dos estudantes nos *blogs*, mas que estas são apenas algumas das interpretações possíveis para os fatos observados.

Diante da permissão de entrada de suas linguagens na escola, os estudantes ficaram na posição de quem vive na fronteira entre as duas culturas. Como resolveram isso? Retomemos os *blogs* dos dois grupos. Entendemos que as estudantes criaram um híbrido, que incorpora as características das três partes de uma dissertação (introdução, desenvolvimento e conclusão), mas que as

reassignificaram pela introdução de elementos típicos dos *blogs* e outros aplicativos da *internet*.

Consideramos que a negociação de novas regras para a produção dos textos dos *blogs* foi fator essencial para que eles pudessem ser usados de modo mais próximo da sua função nas culturas juvenis (recuperação da cultura) e, conseqüentemente, para a possível aproximação entre essas culturas e a cultura escolar. Assim, esse "*blog* escolar" hibridizou a forma do texto proposta pela cultura escolar (a tese, os argumentos e a conclusão do texto dissertativo) com a forma dos *blogs* ou outros aplicativos das mídias sociais que os estudantes têm contato (emoções, gostos pessoais, humor, uso de linguagem informal, solicitações de retorno, vivência da fantasia de incorporação de um personagem).

Em relação a esse último aspecto – simular um personagem, trazemos a título de ilustração, alguns trechos de um dos *blogs*. Em um dos comentários, as autoras respondem para um visitante, assumindo o papel de uma equipe responsável pelo editorial do *blog* "A maior palhaçada", a equipe AMP.

"Caro Anônimo, Ficamos muito felizes que você tenha gostado da lira! Obrigada pela visita, Equipe AMP" (Fonte: <http://remexo9b7.blogspot.com/2009/04/entrevistada-especial.html#comments>)

Mais adiante, em outra postagem, elas deixam isso mais explícito, pois produzem espontaneamente uma postagem avisando aos leitores que estão preparando a próxima "matéria" do *blog*

"Em breve um novo post para você!"

É isso aí! Estamos trabalhando para conseguir postar no A Maior Palhaçada algo novo.

Enquanto o post não sai, resolvemos trazer a você o debate de criação que a equipe do AMP teve para planejar esse novo post. Assim, você poderá provar o gostinho desse pão antes dele sair do forno! O debate você pode conferir nos comentários desse mesmo post. Então já sabe! Clique ali embaixo, em 'comentários', para acompanhá-lo!

-T.: olá visitantes, somos da equipe do AMP! "

(Fonte: http://remexo9b7.blogspot.com/2009_08_10_archive.html)

Inferimos que a produção do texto híbrido permitiu que as estudantes conciliassem seus propósitos de serem bem avaliadas em seu trabalho, por meio da garantia das características da cultura escolar, com um leque maior de propósitos provenientes de suas culturas juvenis no espaço da tecnocultura. Assim, as estudantes se abriram para o "blog escolar", apesar das resistências iniciais e comuns ao enfrentamento entre agentes e ferramentas culturais novas e da resistência maior decorrente da luta cultural entre os grupos envolvidos.

Devido à validação do uso da linguagem informal, o blog escolar recuperou seus propósitos (ou parte deles), como, por exemplo, estabelecer contato e vínculos de afeto com pessoas de um determinado perfil que elas têm por expectativa encontrar e expressar suas concepções de mundo.

Encontramos ressonância entre nossas interpretações e as investigações de blogs educacionais efetuadas

por Ebner e Maurer (2009). Para eles, os blogs contribuem para a produção de textos justamente por serem mais pessoais do que a maioria dos textos escolares. Eles consideram que essa característica indica maior capacidade reflexiva e crítica, dado o maior envolvimento e aproximação dos alunos para com a temática em discussão. Em nossa pesquisa, constatamos que o uso do blog, por si só, não garante esse aspecto. A personalidade e reflexão dependem das negociações entre os participantes (estudantes, professores e outros integrantes da escola) em relação às regras que organizam as práticas pedagógicas. Inicialmente os estudantes estavam aprisionados em regras que mantinham seus textos vinculados ao "copiar e colar" fragmentos das fontes de pesquisa (às vezes até o texto inteiro), devido à necessidade de atender às expectativas da cultura escolar formal e neutra que os examina e avalia. Quando perceberam que tinham a liberdade de expressar-se por meio da linguagem que estavam habituados em seu cotidiano, vivido nas culturas juvenis, os textos começaram a esboçar iniciativas para a reflexão.

Acreditamos que a pesquisa de Albornoz (2010), quanto aos usos dos blogs políticos realizados durante a Assembléia Nacional Constituinte no Equador, em 2007 e 2008, contribua para refletirmos quanto ao potencial de uso democrático ou antidemocrático dessa ferramenta. A princípio, os blogs e outras ferramentas da internet tinham a função de garantir e atender a participação popular nas discussões e na produção do documento. No entanto, a pesquisadora percebeu que o espaço virtual teve as mesmas regras de regulação dos comportamentos que normalmente são usadas no espaço real. As relações de poder foram mantidas por dispositivos

de conformação das condutas, tais como: o controle dos comentários publicados pelo moderador do *blog*, a sequência de publicação dos *blogs* no site da Assembléia Nacional Constituinte, as notícias e anúncios veiculados no ambiente, o uso de imagens que seduzem os leitores e a transformação da função do artefato de seu modo habitual na tecnocultura (a comunicação) para o do interesse dos políticos (informação e divulgação).

A autora considera que o espaço virtual, neste caso, pode ser ainda mais autoritário do que o real, pois há uma regulação mais acentuada dos discursos. Sua pesquisa contribui com indicadores que podem ser utilizados para verificar a existência do espaço democrático nos *blogs*, como por exemplo: a presença de momentos de conflito acerca das ideias veiculadas e momentos de construção do consenso por meio das trocas estabelecidas por vários interlocutores.

Com isso, entendemos que não basta fornecer a oportunidade de trabalhar com *blogs* para os estudantes e ensinar o uso das ferramentas técnicas. É necessário investir nos elementos citados pela pesquisadora, cuidando das relações sociais e dos elementos técnicos que possam favorecê-la.

Nessa direção, citamos também a pesquisa de Martin-Barbero (2008), em que fez uma análise das ações de jovens na internet em três contextos distintos: em casa, na escola e nos *cibercafés*. Ele constatou que o lugar de produção mais criativa, exploradora e interativa foi o cibercafé, ao contrário do que esperava inicialmente. Lá os estudantes atuam em grupo e de modo cooperativo para auxiliar uns aos outros na navegação aleatória. A escola mostrou-se o lugar de uso mais passivo, pois as atividades são extremamente direcionadas

e qualquer uso que escape às orientações do professor é considerado desautorizado e punido. O excesso de controle faz com que eles não aprendam a buscar e se perder, interagir, descobrir, inovar. É nesse contexto que Martin-Barbero cita os *chats* e *blogs* como lugares caesiros da navegação em mar aberto de modo individual e privado.

Em concordância com essa reflexão e com algumas solicitações feitas pelos alunos, a professora reformulou algumas das orientações do trabalho, feito com os estudantes de 2009 junto à turma de 2010 a partir do segundo semestre. Entre essas alterações, há uma que foi bastante importante para a manutenção das características das culturas juvenis. Em vez de produzir uma página central para cada classe e inserir aí todos os grupos mediante senha controlada pela professora, no ano seguinte, os estudantes produziram sua própria página e tiveram a posse da senha. Essa alteração na condução da atividade trouxe alguma desaprovação inicial por parte dos técnicos em informática da escola, que tiveram por preocupação a segurança dos alunos.

A partir disso, observamos maior número de funcionalidades e de elementos nos *blogs*, tais como: *blogrolls* na barra lateral (da classe e outros a que o grupo tornou-se seguidor) e *pop-ups*. Houve maior participação na seção "comentários", com críticas mais contundentes. Acreditamos que essa produção tenha aumentado e se diversificado porque os alunos puderam trabalhar em casa e com mais liberdade. Acreditamos também que os *blogs* tornaram-se mais democráticos, pois reconhecemos os três indicadores propostos por Albornoz (2010): a hipertextualidade, a interatividade e o diálogo. Destacamos aqui a presença do aumento da interatividade.

Em outros trechos percebemos também aumento da hipertextualidade e dialogicidade.

Cena 6

Novos diálogos com os estudantes: o Facebook entra em cena!

Ao longo das atividades efetuadas entre os anos de 2009 e 2011, observamos o surgimento de um movimento espontâneo, por parte de vários estudantes das diversas classes de 9º ano. Eles começaram a produzir páginas do Facebook como um espaço de troca da turma. Assim, existe, por exemplo, a página denominada 9C. Passamos a observar e interpretar os usos e propósitos desse ambiente na escola. Destacamos abaixo alguns dos usos observados. O Facebook parece ser uma ferramenta para:

a) Agenda, pois os estudantes pedem ajuda aos colegas para lembrar-se das tarefas de casa, materiais e avaliações, calendário, ou alguns tomavam para si a função de cuidar da turma e faziam esse tipo de aviso constantemente.

(1) Lição pra amanhã???

(2) Pelo amor de belzebu alguém me manda as perguntas de hist. Scaneadas!!! Serio URGEEENTE

(3) oq q eu tenho q sabe pro debate amanhã??? Oq a gente vai discuti mesmo???

b) Organizar as ações dos vários alunos da turma durante a produção de tarefas provenientes de diferentes eventos, como: o campeonato cultural (esporte,

dança, música, conhecimentos gerais) interclasses da escola, visita à creche, estudo do meio, jogos, conteúdos e brincadeiras nas aulas

(1) A gente tem tudo pra apresentação? Máscaras, pom pom, blusas?

(2) Eu não tenho nada além da minha blusa aqui em casa

(3) a Lulu tem os pom poms TODOS! HAHAAHHA

(1) quem estiver com fotos da creche vai postando aqui :3

(2) Vou postar quando chegar em casa

(1) Isa quando for postar as fotos posta no album, assim fica mais facil

c) Publicar fotografias e vídeos dos componentes da turma nesses eventos escolares; ou os que utilizaram como fonte de pesquisa para produzir suas danças, textos, dramatizações etc.

d) Expressar muitos elogios e afetos em relação aos colegas de turma como um ritual de união e de memória das produções culturais que fizeram juntos

(1)-9C bom feriado pra todo mundo hahahaha até segunda! amo vcs, beijos.

e) Fazer comentários acerca de alunos de outras classes, pois a página era limitada à entrada dos componentes da sala de aula. Usavam eventualmente o espaço do bate-papo para discutir confidências (que seriam apagadas do ambiente posteriormente), visto que as demais mensagens ficam armazenadas.

Diante da observação das práticas culturais espontâneas dos estudantes nesse ambiente, a professora passou a entrar no ambiente e deixar recados quanto às tarefas, materiais, atividades; combina com antecedência o que fariam nas aulas seguintes, ouvia sugestões dos alunos até mesmo quanto à disposição das carteiras (em determinado momento do ano, os alunos adoraram organizar a sala em dois semicírculos concêntricos, por exemplo). Os alunos começaram a usar o espaço, em determinados momentos, próximos das datas de entrega de trabalhos ou de avaliações, para esclarecer dúvidas tanto no local das mensagens como no espaço particular do bate-papo.

• **(1) ...agora eu achei o site sobre os detergentes que eu tinha te falado (do meu projeto de cien sobre pasta de dente) eu acho que deve ter a ver com o Lauril Sulfato de Sódio os detergentes estão na pag 45, queria saber se as informações são confiáveis pra coloca no trabalho e se é sobre os ingredientes com ação detergente das pastas de dente!**

Mais adiante, alguns alunos propuseram a inserção do Facebook no curso de ciências. Alguns propuseram a rede social em substituição ao *blog* e outros a associação entre as duas ferramentas, pois consideravam que a rede social proporcionava melhores recursos para as discussões necessárias ao trabalho em grupo, que estava em andamento. Para eles, a rede social gera contato mais rápido e próximo com a professora e com os colegas. Percebemos, no uso espontâneo e no uso escolar, que essa ferramenta realmente facilita e estimula as discussões. Em algumas publicações, surgiram mais de 50

comentários em algumas horas ou, em alguns casos, até em minutos.

Além disso, percebemos que, para os trabalhos em grupo, ele traz uma novidade pouco visível nas interações presenciais da sala de aula ou no *blog*: ele intensifica o compromisso dos participantes com o grupo. Nesse espaço, alguns estudantes cobram os colegas que não estão "trabalhando" adequadamente e outros pedem desculpas por não terem contribuído suficientemente. Quando faltam na aula, explicam os motivos para os colegas e solicitam informações acerca do que devem fazer para repor a atividade do dia do grupo.

(Ex 1) hey dudes, hoje na aula era a produção do desenvolvimento do artigo né?! Então eu faltei, porque fiquei muito doente, fui no hospital ontem, tomei vários remédios na veia e tals, fiquei até umas 6 da manhã lá, e o médico falou pra eu ficar em repouso até domingo, então se vocês puderem me passar o que já foi feito, ou eu passar o resumo das minhas pesquisas.. me falem o que eu preciso fazer ok?!sorry

(Ex 2) Bueno eu esqueci de passa antes hahaha malz

O Facebook também permite ao professor ser avisado imediatamente das atualizações de todos os seus grupos de estudantes, pois é possível visualizar a todos ao mesmo tempo na sua página pessoal. Acreditamos que esse é um recurso bastante útil a ser associado aos *blogs*, visto que eles têm funções bastante distintas nas aulas. O primeiro promove a interação e divulgação, enquanto o *blog* estimula a produção de textos maiores e mais reflexivos e tem maiores recursos estéticos para a

publicação. Entendemos que aqui está um objeto para novas pesquisas de modo a aprofundar o papel das redes sociais nas aulas e na hibridação com as culturas juvenis.

2. Epílogo provisório: A cultura da sala de aula é compatível com a das mídias sociais?

Consideramos, em nossa análise, fundada principalmente em Wertsch e Hall, que há uma tensão irreduzível entre o domínio e apropriação das ferramentas (conceitos, valores, práticas...) para com os propósitos dos indivíduos e grupos sociais participantes das aulas de ciências. A tensão irreduzível entre essas duas dimensões produz tanto resistências como aprendizagens e influências sobre a formação mais ampla dos sujeitos.

Está nessa tensão irreduzível a produção do território contestado entre as culturas juvenis e a cultura escolar. Trata-se de uma luta por significados que estão alicerçados principalmente nos propósitos que cada grupo social confere às suas práticas, isto é, lutam pelos significados que essas práticas têm para si e para seu grupo de pertencimento. Por isso, não basta inserir as mídias sociais na escola, pois ao serem destacadas de seu contexto para o contexto escolar, elas já sofreram alteração em suas características, principalmente em seus propósitos.

Entendemos que esteja nesse ponto o foco de atuação do professor. É preciso cuidar das negociações entre os sujeitos participantes da comunidade (professores, alunos, diretores, técnicos de informática, pais etc) de modo a estimular a produção de um uso híbrido, que tente atender aos propósitos das culturas juvenis e aos da escola.

A produção desse híbrido estimula o domínio e apropriação das metas escolares, pois para que os estudantes se abram para tomar para si as ferramentas oferecidas (linguagens, conceitos, valores..), em algum grau devem tomar para si o propósito de uso delas.

O borramento da fronteira por meio da produção dos híbridos entre propósitos e usos, no relato que fizemos nesse capítulo, teve maior efeito por meio do investimento em atividades de autoria. A autoria confere prazer, estimula a retórica, divulga concepções de mundo (e de ciência). As idéias representadas nos textos sinalizam, em alguma medida, a incorporação dos valores desejados pelo professor. São valores selecionados da proposta pedagógica da escola, do componente curricular e que levam à problematização da produção científica e tecnológica.

Além disso, diante dos propósitos de uso das mídias sociais, a autoria contribui para a formação das diferentes identidades de cada jovem, pois ele recebe retorno, frente às ideias que publica, por parte de uma audiência bem maior do que a que tem contato na sala de aula. A elaboração do texto para uma audiência ampliada oportuniza ao jovem a negociação de outras posições e a incorporação de novos valores.

A autoria, estimulada pelas mídias sociais, permite à escola examinar a resistência como tensão entre os propósitos e formas de apropriação das ferramentas que oferece aos jovens. E permite também que o jovem aproxime suas formas de representar o mundo das metas de formação da escola.

Referências

ALBORNOZ, M. B. Blogs, artefactos & Política. *Iconos. Revista de Estudos Sociales*, v. 14, n. 2, p. 67-74. 2010.

BARRERA, L. f. El chateo desde la ciberlinguística. *Argos* v. 46, n. 24, p. 25-37. jan. 2007.

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Avila et al. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BRAGA, A. A. *Feminilidade mediada por computador*. Interação social no circuito blog-literário na Biblioteca Unisinos. 2006. Tese (doutorado em comunicação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2006.

DIAS, H. Blogs e tendências do jornalismo científico. In: VICTOR, C.; CALDAS, G.; BORTOLIERO, S. (orgs.). *Jornalismo científico e desenvolvimento sustentável*, São Paulo: All Print editora, 2009.

EBNER, M.; MAURER, H. Can weblogs and microblogs change traditional scientific writing? *Future Internet*, v. 1, n. 1. p. 47-58. 2009.

FERREIRA, F. B. *Comunicação virtual: uma análise contrastiva da linguagem de blogs de adolescentes e de adultos à luz da teoria semiolinguística*. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos lingüísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

FOGAÇA, M. *Blog no ensino de ciências: uma ferramenta cultural influente na formação de identidades juvenis*. Tese (doutorado em educação). Universidade de São Paulo, 2011. 349 p.

FOUREZ, G. *Crise no ensino de ciências? Investigações no Ensino de Ciências*, v. 8, n. 2, ago. 2003

GARBIN, E. M. *Cultur@s juvenis, identid@des e internet: questões atuais*. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro; Campinas, n. 23, p. 119-135, mai./ago. 2003.

GIORDAN, M. *Computadores e linguagens nas aulas de ciências*. Ijuí: Unijuí, 2008.

GREEN, B.; BIGUM, C. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, T. T. (org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais em Educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-47. 1997.

_____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMF; Brasília: Representações da Unesco no Brasil, 2003.

MACHADO, J. P. *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1993.

MCLAREN, P. *A vida nas escolas: uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação*. Tradução

de Lucia Pellanda Zimmer. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MARTIN-BARBERO, J. JÓVENES: comunicación & identidad. Pensar Iberoamerica. *Revista de Cultura*, n. 0, fev. 2002.

_____A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: BORELLI, S. ; FREIRE FILHO, J. (orgs.). *Culturas Juvenis no século XXI*. São Paulo: EDUC, 2008.

MTV Brasil. *Dossiê Universo Jovem*. São Paulo, abr. 1999.

MTV Brasil. *Dossiê Universo Jovem 3*. São Paulo, abr. 2005. Disponível em: <<http://www.mtv.com.br>>. Acesso em: 2 fev. 2009.

MTV Brasil. *Dossiê Universo Jovem 4*. São Paulo, set. 2008. Disponível em: <http://www.aartedamarca.com.br/Dossie4_Mtv.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2009.

MTV Brasil. *Dossiê Universo Jovem 5: Screen Generation*. São Paulo, ago. 2010. Disponível em: <http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie5_Mtv.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2011.

OLIVEIRA, R.C. Estéticas juvenis: intervenções nos corpos e na metrópole. *Comunicação, Mídia e Consumo*, v. 3, n. 9. 2006.

RUIZ, F.J. web 2.0: um nuevo entorno de aprendizaje em la red. *Didactica, innovacion e multimedia*, n. 13. 2009.

SANTOMÉ, J. T. *Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SARAIVA, K. A fabricação dos corpos nos chats. In: WORTMANN, M. L. C.; VEIGA-NETO, A. (orgs.). *Estudos Culturais da ciência & educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

WERTSCH, J. *La mente em acción*. Madrid: Aique, 1998.

Copyright © 2012 Liber Livro.

É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, por quaisquer meios, sem autorização prévia, por escrito, da editora.

La bibliografía aparece según las normas brasileñas de la ABNT.

Realização



Capa

Leticia Brasileiro

Projeto gráfico e editoração eletrônica



Revisão

Maria Iaci

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

143 INFORMÁTICA e telemática na educação / José Gómez Galán ; Gilberto Lacerda Santos (orgs.) -- Brasília: Liber Livros, 2012. 236p. - (Integração das novas tecnologias em contextos educativo ; v.2).

ISBN: 978-85-7963-076-7

1. Educação 2. Informática 3. Telemática 4. Tecnologia da Informação e Comunicação 5. Educação à distância I. José Gómez Galán III. Gilberto Lacerda Santos

CDU - 004:37=134.2=134.3

Liber Livro Editora Ltda

CLN Qd. 315, Bloco "B" sala 15

Asa Norte - 70774-520 - Brasília - DF

Fone (61) 3965-9667 - Fax (61) 3965-9668

editora@liberlivro.com.br / www.liberlivro.com.br

Sumário

- Prólogo
La Educación en el Nacimiento de una Nueva Era
Histórica
José Gómez Galán
Universidad de Extremadura, España 7
- INTEGRACIÓN DE LAS NUEVAS TECNOLOGÍAS EN LOS
CONTEXTOS EDUCATIVOS**
1. As mídias sociais na educação: borrando as fronteiras entre a cultura escolar e a cibercultura
Mônica Fogaça e Marcelo Giordan
Universidade de São Paulo, Brasil 17
2. Integração do computador na educação inclusiva do Deficiente Motor Grave
Angela Rabelo Costa e Gilberto Lacerda Santos
Universidade de Brasília, Brasil 63
3. Mediação pedagógica *online*: o caso do professor-mediador no Programa de Licenciatura em Pedagogia a Distância: PEDEaD
Lucio Teles e Welinton Baxto
Universidade de Brasília, Brasil 95